



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na saída do Hotel Radisson

Astana-Cazaquistão, 17 de junho de 2009.

Jornalista: Presidente, o senhor não falou ainda sobre a agenda dos Brics com a gente. O senhor pode falar se o senhor ficou satisfeito com o resultado e [gostaria de] perguntar ao senhor se foi a China que vetou a discussão sobre a moeda única.

Presidente: Veja, primeiro eu acho que a reunião foi, no meu ponto de vista, extraordinária. Se você imaginar que o Brasil é o país mais novo de todos os que participam dos Brics, que tem 500 anos, que nós nunca criamos uma instituição que pudesse organizar esses quatro países e [que] agora nós estamos nos organizando, já marcamos a próxima reunião para o ano que vem no Brasil, é uma coisa extremamente importante. Por algumas razões: primeiro, porque representamos quase 50% da população mundial. Segundo, porque somos países de territórios muito grandes, países consumidores, com populações grandes, e portanto, nós temos hoje uma importância extraordinária no que acontece no desenvolvimento do mundo e porque temos acordo na maioria das coisas. Não houve veto, até porque essa discussão não estava assegurada. Não é uma discussão que você propõe discutir e acontece no dia seguinte. É uma discussão que leva anos.

O que está acontecendo? Tem países que estão propondo a criação de uma moeda nova, tem países que estão propondo uma cesta de moedas. No caso do Brasil, nós temos uma experiência prática: nós estabelecemos com a Argentina a nossa troca comercial em nossas moedas. Isso pode ser um bom começo. O que nós decidimos é que um conjunto de especialistas, junto com os presidentes dos Bancos Centrais e com os ministros da Economia, vão



começar a discutir para apresentar para nós sugestões. Eu acho que é um passo extremamente importante. O Guido e o Meirelles já estão autorizados a conversar com o presidente do Banco Central da China, [com] o ministro da Economia da China, com o presidente do Banco Central da Rússia, com o ministro da Economia da Rússia, para ver se há entendimento de a gente começar a fazer as experiências das trocas nas moedas de cada país, sem precisar compra dólar para fazer o nosso fluxo comercial. Este é um passo extremamente importante.

Outra coisa importante, é que nós estamos de acordo com o papel que deva jogar o G-20 na coordenação desta nova diretriz econômica que nós precisamos criar. Todo mundo sabe que o FMI foi criado pensando em resolver problemas de crise no mundo em desenvolvimento e hoje a crise está nos países desenvolvidos. Parece que o FMI e parece que o Banco Mundial não têm as soluções ou as certezas que tinham quando a crise era brasileira, era mexicana, era russa. Então, nós queremos contribuir para fortalecer essas instituições de financiamento multilaterais, mas, ao mesmo tempo, nós queremos democratizá-las e que os países – outros – possam participar em igualdade de condições.

Hoje, como funciona, o Banco Mundial é dos Estados Unidos e o FMI é do mundo europeu. São eles quem indicam suas direções, são eles quem determinam as coisas. Então, se nós estamos em uma crise econômica, causada por uma desregulação do sistema financeiro, nada melhor do que regulá-lo corretamente e criar novos mecanismos de proteção.

Nós estamos de acordo de que os paraísos fiscais não podem continuar existindo e isso... eu não vejo facilidade na solução destes problemas. Quando você [se] senta em uma reunião com vinte chefes de estados, você [se] senta com vinte cabeças que pensam diferente, que têm problemas diferentes e que querem soluções diferentes. O grande mote é a gente ir construindo um consenso entre as pessoas, para que seja melhor para todo mundo.



Tudo isso acontece também porque nós temos uma ONU menos representativa do que deveria ser. Se já tivéssemos feito a reforma da ONU, se os continentes estivessem representados adequadamente, nós poderíamos evitar, através de discussões públicas com maior participação, que esses problemas acontecessem.

Eu sou muito otimista com relação a isso porque eu tenho conversado com muitos presidentes e eu tenho percebido que ninguém tem solução para a crise e todo mundo está percebendo que os países que não estavam com as suas fichas bancárias na especulação, como o Brasil e outros, estão se saindo melhor do que os países ricos que até ontem pareciam que tinham soluções para todos os problemas. Como o momento é difícil, eu acho que nós temos que ter a certeza de que vai levar um tempo para a gente poder determinar toda a regra no novo jogo no mundo econômico, que vai acontecer.

Eu sou otimista, e saio muito otimista da reunião com os Brics, porque não era fácil pensar que isso poderia acontecer. Nós tínhamos muita reunião bilateral, com a China, com a Índia, com a Rússia. Nós temos com a China, com a Índia e com a África do Sul. Mas, entre nós sentarmos e estabelecermos uma estratégia comum de ação, nunca tinha havido. Portanto, essa reunião, para mim, foi histórica e ela pode ajudar muito nas coisas que vão acontecer daqui para frente no mundo político e no mundo da economia.

Jornalista: Presidente, o senhor acha que está havendo um recuo nos compromissos que estão assumidos desde abril, no G-20, de alguns países? O que os Brics podem fazer para consolidar esses compromissos?

Presidente: Olhe, o que pode acontecer de pior no mundo, é essa crise terminando por conta do tempo, sem que a gente faça as mudanças que tem [temos] que fazer para que não haja mais crise. E, certamente, é possível que tenha país que não queira que mude absolutamente nada, fique tudo como



está. E não pode ficar tudo como está. O sistema financeiro não pode mais viver por conta da especulação no mercado futuro, aumentando o preço de *commodities*, aumentando o preço de petróleo. Não é possível!

Nós temos que tomar consciência de que o sistema financeiro precisa financiar a produção. Portanto, um banco tem que financiar alguma coisa que produza um microfone como esse, como esse, como esse, como esse – para falar das quatro. Ou seja, o sistema financeiro não pode viver da troca de papéis, sem gerar um emprego, sem gerar absolutamente nada, apenas o enriquecimento das pessoas.

Então, eu penso que podem estar certos que nós temos muitas discussões pela frente. Agora, na Itália, com a reunião do G-14 e, em setembro, na reunião do G-20.

Jornalista: Presidente, o senhor está preocupado com uma outra crise, a crise do Senado, que parece que também não acaba mais, com uma sucessão de denúncias, agora com essa história de ato secreto?

Presidente: Olha, eu sempre fico preocupado quando começa, no Brasil, esse processo de denúncias, porque eles não têm fim e, depois, não acontece nada. Veja, eu penso... eu não li a reportagem do presidente Sarney, mas eu penso que o Sarney tem história no Brasil suficiente para que não seja tratado como se fosse uma pessoa comum.

É importante investigar para ver o que houve. O que ganharia o Senado em ter uma contratação secreta, se tem mais de cinco mil funcionários transitando naqueles corredores? Por que haveria de ter alguém secreto?

Eu acho que essa história precisa ser melhor explicada, porque eu não sei a quem interessa enfraquecer o Poder Legislativo no Brasil. Mas eu penso o seguinte: a democracia, quando ela teve o Congresso Nacional desmoralizado e fechado, foi muito pior para o Brasil. Portanto, é importante



que a gente comece a ver como fazer a preservação das instituições, separar o joio do trigo, e se tiver alguma coisa errada, que se faça uma investigação correta. O que não se pode é todo dia você arrumar uma vírgula a mais, ou, às vezes, você repetir a mesma matéria. Ou seja, vai desmoralizando todo mundo, cansando todo mundo e, inclusive, a imprensa corre risco, porque a imprensa também tem que ter a certeza de que ela não pode ser desacreditada. Porque na hora em que a pessoa começa a pensar: “Eu não acredito no Senado, eu não acredito na Câmara, eu não acredito no Poder Executivo, eu não acredito no Supremo Tribunal Federal, também não acredito na imprensa”, o que vai surgir depois?

Então, é só importante a gente não ficar na política do denunciamento, que o resultado final não é bom. Se tem uma coisa equivocada, a melhor coisa é pedir uma investigação séria, pegar o resultado da investigação e tomar as decisões que tem que tomar. É assim que eu penso que deve ser.

Jornalista: E porque isso não está acontecendo?

Presidente: Não sei. Eu não tenho como dizer o que o Presidente da Câmara vai fazer, o que o Presidente do Senado vai fazer, ou o que o Presidente do Supremo Tribunal Federal vai fazer. Eles têm autonomia para agir de acordo com o colegiado que dirigem. São muitos partidos, e eu acho que eles têm que se reunir e tomar uma decisão.

Jornalista: O senhor teme que esta crise no Senado atrapalhe o governo?

Presidente: Não. Não, veja, não é possível. O governo tem a sua programação determinada. Acho que todos os senadores, a começar do [pelo] presidente Sarney, têm responsabilidade de dirigir bem o destino do País, ou seja, do



Congresso Nacional. Vamos esperar que essas coisas se resolvam logo. É importante...

Jornalista: O senhor podia nos falar se o senhor discutiu durante as reuniões dos Brics, em Ecaterimburgo, a possibilidade de investir nos títulos do Tesouro, títulos da dívida dos países membros dos Brics? O Brasil vai investir em títulos (incompreensível)

Presidente: Nós não discutimos isso, ou seja, nós apenas começamos a fazer uma discussão da [sobre a] necessidade de começar a pensar em uma forma de todos os países não ficarem dependentes apenas de uma moeda. Isso é uma conversa muito inicial, é uma coisa que vai fluir, mas como eu acredito que a crise é profunda e ela é mais profunda nos países ricos. É só ver a queda dos países emergentes e ver a queda da economia dos países ricos que a gente vai perceber que todos têm que ter responsabilidade e, dessa vez, são os países ricos que têm que ter mais responsabilidade do que os países em desenvolvimento.

Jornalista: Fazer uma última pergunta, Presidente.

Presidente: Uma última questão, meu filho.

Jornalista: Na segunda-feira, o senhor disse em Genebra que não conhece ninguém, além da oposição, que tenha discordado da eleição direta. Depois disso, foram sete milhões de pessoas às ruas, sete mortos, uma contagem parcial, uma recontagem parcial ordenada pelo Aiatolá Khamenei. Obama se dizendo perturbado e a União Europeia igualmente. Como é que o senhor se posiciona hoje (incompreensível)?



Presidente: Vou me posicionar, porque tem alguma coisa engraçada que acontece no mundo que eu gostaria de ter explicações. No México, há pouco tempo, houve uma eleição. A diferença foi de 1%, a oposição foi toda para a rua, e os mesmos que hoje fazem crítica ao Irã pediam que se respeitasse o resultado da reeleição no México. Ora, o que está acontecendo hoje? A diferença foi muito grande, a diferença foi muito grande. Foi de 61, 62% dos votos. Eu acho impossível que alguém consiga manipular 30% dos votos. Nem no Brasil, nos estados em que a gente sabia, há um tempo, que tinha mais eleitores do que população, era possível fazer essa manipulação. Eu acho difícil.

De qualquer forma, eu acho que se as pessoas têm dúvida, a oposição, peçam a recontagem. No Brasil já aconteceu quantas vezes. Quantas vezes a oposição pediu recontagem, umas foram feitas, outras não foram feitas. Agora, eu acho que a eleição aconteceu, teve uma vitória grande e nós, cautelosamente, vamos esperar para abaixar a poeira, porque não é a primeira vez que um partido de oposição que perde reclama tanto. Nós não podemos nos esquecer nunca da primeira eleição do presidente Bush... E as pessoas acataram o resultado, apesar das dúvidas.

Jornalista: Presidente, (incompreensível) tem sido muito criticada aqui fora a possibilidade de a Amazônia ter terras invadidas e regularizadas. O senhor tem poder de voto ali dentro?

Presidente: Veja, não há. Nós temos um... É que nós temos uma divergência concreta entre pessoas. Nós temos de um lado pessoas que acham que a terra vai favorecer os grandes proprietários e tem pessoas que acham que não vai favorecer. Eu, quando chegar a Brasília, vou juntar as duas partes e vou concretamente pegar o Advogado Geral da União e vou dizer: diga-me aqui o seguinte, o que vai acontecer na verdade. Porque tem gente, senadores e



deputados com convicção de que a lei do jeito que está, está extraordinária. Tem gente que acha que tem que vetar.

Jornalista: E o senhor?

Presidente: Eu vou primeiro estudar a lei. Primeiro eu vou estudar a lei. Ela não chegou à minha mão ainda. Ela sai do Congresso, vai para a Casa Civil, tem uma análise jurídica, passa por todos os ministérios que dizem se tem que vetar ou não. Aí, quando eu recebo isso, eu então sento com o Advogado Geral da União e vejo o que vou fazer. Se tiver que manter, eu mantenho. Se tiver que vetar, eu veto, sem nenhum problema. Cumprirei com a minha obrigação.

Gente, eu vou ter que... Eu tenho dois compromissos. Eu estou atrasado já, gente.

(\$31EGJLMQ)